REVISTA CÍRCULO PIAGA

Nº05- MAIO/2026

EDUCAÇÃO, FÉ E LEGADO ANCESTRAL

REVISTA CÍRCULO PIAGA

Direção Geral, Edição e Diagramação: Dom Rafael Nolêto
Textos desta edição: Dom Rafael Nolêto
Capa: Imagem de uma família pagã no Templo Piaga, inspirada em fotografia do escritor maranhense Coelho Neto com sua esposa. Este escritor é o autor da frase: "É na educação dos filhos que se revelam as virtudes dos pais", que reflete temas abordados nesta edição.
Esta publicação é uma iniciativa da Associação Círculo Piaga, com o selo editorial da Biblioteca da Vila Pagã.
Contato: rafaellugh@gmail.com
Jornalista Responsável: Rafael Nolêto (DRT 1836 PI)

Sumário

03. Editorial.
04. Calendário Politeísta - Maio.
05. Aranya Sashti: o Culto às Florestas e à Fertilidade na Tradição Hindu e no Piaganismo.
06. Educar para a tradição: Pais, Filhos e a Transmissão da Fé no Paganismo Brasileiro.
10. A Magia das Frutas: Bênçãos divinas em forma de alimento.
12. Templo Piaga: Nove Anos de Culto, Tradição e Identidade Politeísta no Brasil.
14. A Comunidade como um pomar sagrado: Ensinamentos de Pomona, Senhora dos Frutos.
17. Mastro de Maio: eixo de vida, união e renovação.
19. Deuses Brasileiros da Fertilidade.

Realização:

VILA PAGÃ — PIAUÍ - BRASIL

BIBLIOTECA DA VILA PAGÃ

DEVOTIO, NEXUS ET ACTIO

EDITORIAL

Salve Nobres almas!

É com honra e espírito elevado que entregamos em suas mãos a Edição 05 (Maio/2026) da Revista Círculo Piaga. Maio se apresenta como um tempo de vigor, fertilidade e afirmação da vida em suas múltiplas formas. É o período em que a terra já não apenas floresce, mas começa a frutificar e, com isso, somos chamados a contemplar e a participar ativamente da construção daquilo que desejamos colher.

Nesta edição, reunimos conteúdos que dialogam diretamente com esse momento de potência. Abrimos com o Calendário Politeísta de Maio, orientando as práticas e celebrações deste ciclo. Em seguida, expandimos horizontes com o artigo sobre o *Aranya Sashti*, revelando o culto às florestas na tradição hindu e sua integração na Linha Hindu do piaganismo. Refletimos também sobre um tema essencial à continuidade da fé: a responsabilidade dos pais na transmissão da tradição, no texto "Educar para a tradição", trazendo um olhar firme e necessário sobre o papel formador dentro do lar.

A fertilidade se manifesta de forma concreta e simbólica ao longo da revista. Em "A Magia das Frutas", exploramos os alimentos como portadores de bênçãos divinas. O texto sobre Pomona nos convida a enxergar a comunidade como um verdadeiro pomar sagrado, onde cada indivíduo cultiva e oferece seus frutos. Em nossa tradição, o Mastro de Maio surge como símbolo de união, eixo vital e renovação, conectando o humano ao sagrado em uma dança coletiva de sentido e pertencimento.

Também voltamos nosso olhar para nosso próprio panteão, com a apresentação de divindades brasileiras da fertilidade (Caupé, Ceuci e Katu). Aqui celebramos os nove anos do Templo Piaga, marco fundamental da consolidação do paganismo brasileiro, espaço de culto, cultura e identidade que permanece firme como um eixo sagrado de nossa tradição.

Que cada página desta edição seja leitura que inspira a prática e conhecimento que fundamenta a transformação. Que você encontre aqui motivação para fortalecer sua fé, sua disciplina e sua presença dentro da comunidade.

Se esta obra contribui para o seu caminho, considere apoiar a continuidade deste trabalho e das ações do Círculo Piaga. As doações podem ser realizadas via PIX: rafaellugh@gmail.com

Sua contribuição mantém viva esta construção coletiva. Que os deuses abençoem seus frutos, fortaleçam suas raízes e conduzam seus passos com firmeza e propósito. Aweté!

Dom Rafael Nolêto

Sacerdote Piaga

Calendário Politeísta
Maio

• 01/05 (sexta-feira).
Beltane (tradições celta/wicca): sabbat de fogo que celebra a união da Deusa e do Deus, a fertilidade e o florescimento da vida. No Hemisfério Sul, corresponde ao período de introspecção ligado ao Samhain.

Festivais de Maia e Bona Dea (Roma/Ibéria): celebrações em honra à deusa Maia, associada ao crescimento, e Bona Dea, ligada à fertilidade e à cura.

Dia das Fadas (Irlanda): reverência aos espíritos da natureza e à tradição feérica celta.

- **03/05 (domingo). Celebração da Fertilidade (Vila Pagã)**

• 07/05 (quinta-feira).
Thargelia (Grécia): festival em honra a Apolo e Ártemis, marcando a purificação e o início das colheitas.

• 07 a 09/05 (quinta a sábado).
Lemúria (Roma): dias dedicados à apaziguação dos mortos inquietos (Lemures), com ritos voltados à proteção do lar e da família.

• 10/05 (domingo).
Florálias (Roma/Ibéria): celebração da deusa Flora, exaltando as flores, a beleza e a vitalidade da natureza.

- **12/05 (terça-feira).**

Festival de Cernunnos (tradição celta): culto ao deus da vegetação e dos animais, senhor da vida selvagem e da abundância natural.

Aranya Sashti (Índia): festival dedicado às divindades das florestas, honrando a fertilidade e a proteção da natureza.

• 13/05 (quarta-feira).
Início do mês de Uath (druidismo): período associado ao espinheiro, simbolizando desafios, proteção e crescimento espiritual.

Festejos do Sol da Noite (Noruega): celebração simbólica da luz que persiste mesmo na escuridão, evocando resistência e continuidade.

• 20/05 (quarta-feira).
Plynteria / Dia de Atenas (Grécia): festival de purificação em honra à deusa Atena, ligado à renovação espiritual e à ordem.

• 23/05 (sábado).
Rosalia (Roma): celebração de Flora e Vênus, marcada pelo uso de rosas e guirlandas, simbolizando amor, beleza e renovação.

• 24/05 (domingo).
Festival de Astarte (Oriente Médio): culto à deusa associada à fertilidade, sexualidade e poder feminino.
Celebrações de Diana e Selena (tradições mediterrâneas): ritos ligados às divindades lunares e à força do feminino.

• 25/05 (segunda-feira).
Dia de Apolo (Grécia): reverência ao deus da luz, da música, da cura e da harmonia.

- **28/05 (quinta-feira). Aniversário de 9 anos do Templo Piaga, inaugurado em 2017.**

• 29/05 (sexta-feira).
Festival de Marte (Roma): celebração do deus da guerra e da força vital, associado também à proteção e à coragem.

Aranya Sashti:
o Culto às Florestas e à Fertilidade na Tradição Hindu e no Piaganismo

O Aranya Sashti, celebrado em 12/05 na tradição hindu, é um festival dedicado às divindades das florestas, especialmente à deusa **Shashthi**, associada à fertilidade, à proteção das crianças e à continuidade da vida. A palavra "*Aranya*" remete à floresta como espaço sagrado, enquanto "*Sashti*" indica o sexto dia lunar, momento propício para ritos de cuidado e bênção. Nessa ocasião, devotos realizam oferendas e orações junto à natureza, reconhecendo na floresta uma manifestação viva do divino. O festival reforça a ideia de que a fertilidade se estende para além do nascimento, abrangendo prosperidade, saúde e harmonia entre o ser humano e o meio ambiente.

No piaganismo, essas divindades são honradas na Linha Hindu, uma das 15 linhas da Corrente Colona, que organiza diferentes expressões do sagrado em uma visão integrada. Nesse contexto, está em processo de edificação o Bosque Hindu, na Vila Pagã, um espaço sagrado voltado à conexão com essas forças divinas da natureza, que poderá ser visitado como local de devoção e contemplação. A construção desse espaço pode ser apoiada por meio da chave pix rafaellugh@gmail.com, fortalecendo a criação de um ambiente dedicado à reverência da vida, da fertilidade e da natureza.

Educar para a Tradição

Pais, Filhos e a Transmissão da Fé no Paganismo Brasileiro

Como já disse o célebre escritor maranhense Coelho Neto: “É na educação dos filhos que se revelam as virtudes dos pais". A educação dos filhos sempre foi, nas sociedades tradicionais, uma das tarefas mais nobres e mais sagradas atribuídas aos pais. Não se trata apenas de ensinar regras de convivência, boas maneiras ou preparar os jovens para o mundo do trabalho. Educar é, sobretudo, transmitir uma visão de mundo, um conjunto de valores, uma compreensão do sagrado e do lugar que cada ser ocupa no grande tecido da existência.

Dentro de uma perspectiva politeísta, considerando a história da educação entre os politeístas gregos, romanos e outros, consolidamos uma visão particular sobre este tema dentro do contexto do paganismo brasileiro. Em nosso contexto, essa tarefa educacional religiosa e cultural assume um caráter ainda mais profundo. A fé não é apenas um conjunto de crenças abstratas, mas uma forma de viver, de perceber a natureza, de compreender os ciclos da vida e de reconhecer a presença das divindades nas diversas manifestações do mundo.

Assim, quando falamos sobre a educação religiosa dos filhos, falamos também sobre a continuidade de um legado.

O legado que se transmite

Cada geração recebe alguma coisa daqueles que vieram antes. Essa “herança” pode ser composta por histórias, símbolos, práticas, memórias e valores que ajudam a orientar sua caminhada. Esse legado é cultivado e transmitido através da convivência familiar, das celebrações, dos rituais e da forma como os pais vivem sua própria espiritualidade.

Nas tradições politeístas antigas, não havia uma separação rígida entre vida familiar e religião, pois o lar era também um espaço de culto. As crianças aprendiam observando seus pais acenderem uma vela diante de um altar, oferecendo alimentos aos deuses, celebrando festivais e reverenciando os ciclos da natureza. A história dessas sociedades pagãs nos mostra que a fé era aprendida primeiro pelo exemplo.

Esse princípio permanece válido para o pagão contemporâneo. A criança que cresce em um ambiente onde os deuses são lembrados, onde as estações são celebradas e onde existe respeito pelo sagrado naturalmente passa a compreender que aquela tradição faz parte de sua identidade familiar. Não se trata de imposição, mas de convivência.

Educar é um dever natural dos pais.

O dilema do silêncio neopagão

No entanto, no contexto neopagão moderno, muitas vezes surge um discurso recorrente: o de que não devemos ser proselitistas. A ideia, em si, nasce de uma reação compreensível a experiências históricas de imposição religiosa. Muitos pagãos rejeitam a ideia de converter outras pessoas ou de afirmar que apenas uma tradição possui a verdade. Contudo, quando esse princípio é interpretado de forma extrema, ele pode gerar um efeito inesperado: o silêncio.

Ao evitar qualquer postura afirmativa sobre sua própria fé, muitos pagãos acabam se omitindo da tarefa de explicar, ensinar e transmitir aquilo que acreditam. A religião passa a ser tratada como algo puramente individual, quase privado, que não deve ser verbalizado ou compartilhado. Esse silêncio, porém, cria uma situação de vulnerabilidade. Enquanto o pagão se cala, outros falam. Outras tradições religiosas continuam ensinando, interpretando e explicando o mundo a partir de seus próprios referenciais. Muitas vezes, esses discursos apresentam visões distorcidas ou equivocadas sobre o paganismo, retratando-o como superstição, ignorância ou até mesmo como algo negativo. Quando os próprios pagãos não explicam sua fé, outros o farão, e nem sempre com honestidade ou compreensão.

Educação não é proselitismo

É importante compreender que educar não é o mesmo que converter. Ensinar os filhos sobre os deuses, sobre os rituais da família ou sobre a cosmologia de uma tradição não significa impor uma crença de forma autoritária. Significa oferecer referências, apresentar caminhos e permitir que a nova geração compreenda o universo simbólico no qual nasceu. Nenhum pai cristão considera inadequado ensinar seus filhos a rezar. Nenhum judeu considera estranho ensinar seus filhos sobre sua tradição. Nenhum muçulmano vê problema em transmitir sua fé às novas gerações. Por que o pagão deveria considerar inadequado fazer o mesmo? Educar é um dever natural dos pais. Se os pais não apresentam aos filhos sua própria visão de mundo, alguém o fará em seu lugar, e talvez de forma contrária aos valores daquela família.

A responsabilidade do pagão contemporâneo

O pagão contemporâneo vive em uma sociedade majoritariamente moldada por tradições monoteístas. Nesse contexto, muitas vezes sua fé é pouco compreendida ou até mesmo invisibilizada. Por isso, o papel do pagão não é apenas viver sua espiritualidade em silêncio, mas também ser capaz de explicá-la. Isso vale, em primeiro lugar, para o ambiente familiar, onde os filhos precisam conhecer as histórias, os símbolos e as práticas que estruturam a fé de seus pais.

Mas essa responsabilidade também se estende ao círculo mais amplo: amigos, familiares, vizinhos e pessoas próximas. Educar não significa disputar consciências ou travar batalhas religiosas, mas sim oferecer informação clara, serena e honesta sobre aquilo que se vive. Educar é um gesto de responsabilidade cultural e espiritual.

A coerência da fé

Há ainda uma reflexão importante que precisa ser feita por todo praticante de algum caminho religioso. Se alguém acredita que sua fé é portadora de sabedoria, beleza e verdade, por que deveria escondê-la?

Se uma tradição é vista como algo que eleva o espírito humano, que reconecta as pessoas com a natureza e que fortalece valores como respeito, honra, gratidão e reverência ao sagrado, então ela não deveria ser tratada como algo que precisa permanecer oculto.

Uma fé que não pode ser defendida, explicada ou compartilhada acaba sendo reduzida a uma preferência privada. O politeísmo, no entanto, sempre foi uma expressão pública da cultura e da vida comunitária.

Os deuses eram celebrados nas cidades, nos campos, nos lares e nos festivais. A religião não era um segredo, mas uma dimensão viva da existência coletiva. A associação entre Politeísmo e Ocultismo é moderna, sendo uma influência de movimentos esotéricos mais contemporâneos, surgidos após o renascimento. Em sua raiz, a tradição pagã sempre esteve presente na sociedade, até mesmo em ritos oficiais celebrados por sacerdotes reconhecidos pelo Estado.

O exemplo que constrói o futuro

No fim das contas, a transmissão da fé não acontece principalmente por discursos, mas por exemplo.

A criança observa como os pais tratam os deuses, como cuidam da natureza, como celebram as festas e como lidam com os desafios da vida.

Quando a espiritualidade se manifesta em atitudes concretas — gratidão, respeito, coragem, senso de honra — ela se torna uma referência sólida para a nova geração.

Dessa forma, lembro aqui que educar os filhos na fé não significa moldar suas consciências à força, mas oferecer raízes que lhes permitam compreender quem são, de onde vêm e qual é o legado espiritual que receberam.

Dessa forma, lembro aqui que educar os filhos na fé não significa moldar suas consciências à força, mas oferecer raízes que lhes permitam compreender quem são, de onde vêm e qual é o legado espiritual que receberam.

E, no futuro, caberá a eles decidir o que farão com esse legado. Mas para que exista escolha, primeiro é preciso que exista conhecimento. Transmitir esse conhecimento continua sendo uma das responsabilidades mais nobres que os pais politeístas podem assumir.

A Magia das Frutas

Bênçãos divinas em forma de alimento

As frutas ocupam um lugar especial na relação entre o ser humano e a natureza, pois elas são símbolos vivos de fertilidade, abundância, doçura e renovação. No contexto do paganismo brasileiro, as frutas carregam não apenas nutrientes, mas também significados espirituais e aplicações mágicas que dialogam com os ciclos da terra, os deuses da colheita e as forças sutis que permeiam a vida cotidiana.

A seguir, apresentamos algumas frutas com seus nomes científicos, usos etnobotânicos e correspondências mágicas dentro de uma perspectiva prática e simbólica.

Abacaxi *(Ananas comosus)*

Usos etnobotânicos: Digestivo natural, rico em bromelina, utilizado para facilitar a digestão e reduzir inflamações.

Usos mágicos: Associado à cura, proteção e prosperidade. Pode ser utilizado em oferendas para favorecer a cura e fortalecer a proteção da família ou comunidade.

Caju *(Anacardium occidentale)*

Usos etnobotânicos: Rico em vitamina C; seu suco é energético e revitalizante. A castanha possui alto valor nutritivo.

Usos mágicos: Ligado à vitalidade, resistência, alegria e abundância. Indicado em rituais de fortalecimento pessoal, expansão do intelecto e atração da felicidade.

Açaí *(Euterpe oleracea)*

Usos etnobotânicos: Fonte poderosa de energia, antioxidantes e lipídios saudáveis.

Usos mágicos: Representa força vital e vigor. Pode ser usado em práticas voltadas à energia física, proteção e resistência espiritual. Sementes podem ser usadas em amuletos de proteção, especialmente de crianças.

Jabuticaba *(Plinia cauliflora)*

Usos etnobotânicos: Rica em antioxidantes; utilizada em vinhos, geleias e licores.

Usos mágicos: Associada à ancestralidade e ao enraizamento. Por nascer diretamente no tronco, simboliza conexão com as raízes familiares e espirituais.

Banana *(Musa spp.)*
Usos etnobotânicos: Fonte de potássio e energia rápida; ajuda a aliviar dores musculares.
Usos mágicos: Relacionada à fertilidade, sexualidade e prosperidade. Muito utilizada em oferendas e rituais de abundância.

Romã *(Punica granatum)*
Usos etnobotânicos: Fruta com alto potencial anti-inflamatório, antimicrobiano e cardioprotetor; rica em antioxidantes.
Usos mágicos: Forte símbolo de fertilidade, união e ciclos de vida e morte. Indicada para rituais de prosperidade, vínculos e proteção espiritual.

Manga *(Mangifera indica)*
Usos etnobotânicos: Rica em vitaminas A e C; nutritiva e restauradora.
Usos mágicos: Associada ao dinheiro, à doçura e à realização de desejos. Pode ser utilizada em rituais de prosperidade, mas também em ritos afetivos e de harmonia emocional.

Coco *(Cocos nucifera)*
Usos etnobotânicos: Hidratante natural, utilizado tanto na alimentação quanto em cuidados corporais.
Usos mágicos: Ligado à purificação, proteção e limpeza espiritual. Muito usado em ritos de descarrego e renovação energética. Associado às entidades da Linha do Culto Índio.

As frutas, em sua diversidade de cores, sabores e formas, são expressões vivas da generosidade da terra. Em nosso Herbário Piaga, reconhecemos que seu uso vai além do físico, pois elas se tornam instrumentos de conexão com as forças naturais, com os deuses da fertilidade e com os ciclos que regem a vida. Incorporar frutas em práticas espirituais (seja em oferendas, rituais ou simples gestos cotidianos) é uma forma de reconectar-se com o sagrado presente na natureza. Ao consumir, ofertar ou trabalhar magicamente com frutas, o praticante não apenas nutre o corpo, mas também cultiva virtudes, fortalece intenções e honra a abundância que sustenta a existência.

Templo Piaga

Nove Anos de Culto, Tradição e Identidade Politeísta no Brasil

No dia 28 de maio, celebramos um marco de grande relevância para o paganismo brasileiro: o aniversário de nove anos do Templo Piaga. Inaugurado em 2017, no estado do Piauí, o templo se consolidou ao longo dos anos como um dos mais importantes espaços de culto politeísta do país, bem como um símbolo vivo da construção de uma espiritualidade enraizada na cultura, na ancestralidade e na identidade nacional.

A história do Templo Piaga começa em maio de 2016, quando teve início sua construção. Idealizado e financiado por Rafael Nolêto, com o apoio de amigos, parceiros e membros do Círculo Piaga — entre eles a sacerdotisa Eulália Rodrigues e o umbandista Pai Francisco Borges — o projeto nasceu de um propósito claro: erguer um espaço sagrado que representasse, de forma concreta, a vivência do paganismo brasileiro.

Sua inauguração, realizada na manhã do dia 28 de maio de 2017, foi marcada por um momento histórico de afirmação religiosa. O evento reuniu moradores da zona rural de José de Freitas, além de representantes de diversas tradições religiosas — católicos, evangélicos, umbandistas, candomblecistas e até adeptos da *Seicho-No-Ie* — que, em um gesto de respeito e convivência, compartilharam palavras de bênçãos. Também estiveram presentes apoiadores da Vila Pagã, lideranças locais e convidados, consolidando o caráter comunitário e plural da ocasião.

Um dos momentos mais marcantes da inauguração foi a apresentação cultural protagonizada por cerca de 20 crianças e jovens da comunidade. Em um espetáculo teatral cuidadosamente ensaiado, foi narrada a história da formação da tradição piaga. As vestimentas utilizadas, desenhadas por Rafael e confeccionadas pela sra. Eva Nolêto, reforçaram o simbolismo da celebração: algumas crianças trajavam roupas inspiradas na ancestralidade indígena brasileira, enquanto outras representavam as 15 linhas da corrente colona, evocando culturas como a ibérica, egípcia, helênica e romana. Foi uma demonstração viva de como o Templo Piaga se propõe a unir tradição, educação e expressão cultural.

Na fotografia abaixo, o registro de crianças da comunidade em apresentação no dia da inauguração do Templo Piaga.

Localizado na Vila Pagã, o templo se tornou mais do que um espaço de culto e se consolidou como um complexo de preservação da cultura politeísta. Sua estrutura interna abriga cinco altares dedicados a divindades nativas do Brasil e quinze altares voltados às linhas da corrente colona, onde são cultuadas divindades estrangeiras integradas ao sistema piaga. Essa organização reflete a proposta de um politeísmo que dialoga com múltiplas heranças, sem perder sua base identitária brasileira.

Outro destaque é a Galeria dos Encantados, composta por cerca de 20 estatuetas que representam figuras da mítica piaga e do imaginário cultural piauiense, como a Mãe d'Água, o Curupira, a Caipora e o Cabeça-de-Cuia. As obras foram desenhadas por Rafael Nolêto e moldadas por artesãos do Poti Velho, tradicional polo cerâmico de Teresina, evidenciando a valorização do saber artesanal e da arte local como expressão do sagrado.

Ao longo do ano, o Templo Piaga é o palco das principais celebrações da Roda Piaga (o calendário litúrgico da tradição) além de rituais menores, reuniões e atividades comunitárias.

Esses encontros não apenas fortalecem a vivência espiritual dos praticantes, mas também promovem integração com a comunidade ao redor, tornando o templo um ponto de convergência entre fé, cultura e convivência social.

Passados nove anos desde sua inauguração, o Templo Piaga permanece como um marco do paganismo moderno no Brasil. Sua existência representa a consolidação de uma religião politeísta genuinamente brasileira, mas também a afirmação de um caminho espiritual que valoriza a pluralidade, a ancestralidade e a construção de uma identidade própria.

Celebrar este aniversário é reconhecer o esforço de todos aqueles que contribuíram para sua edificação e continuidade e, sobretudo, reafirmar o compromisso com a preservação e o fortalecimento do paganismo brasileiro como expressão legítima da espiritualidade contemporânea.

A Comunidade como um Pomar Sagrado

Ensinamentos de Pomona, Senhora dos Frutos

Entre as divindades romanas que regem os ciclos da natureza, Pomona ocupa um lugar singular. Diferente de deuses associados à guerra ou às forças grandiosas do cosmos, Pomona governa aquilo que amadurece com o tempo, em silêncio: os frutos.

Diferente de outras divindades que são especificamente ligadas às sementes e ao início do crescimento, a presença de Pomona se manifesta no resultado, no momento em que o esforço do cultivo se converte em abundância, beleza e sustento.

Pomona é a guardiã do que foi bem cultivado, do que alcançou sua forma plena e está pronto para ser colhido e partilhado.

Essa perspectiva nos conduz a uma reflexão mais profunda: Pomona não rege apenas os frutos da terra, mas também os frutos do espírito humano.

O pomar interior e o cultivo das virtudes

Assim como um pomar não surge de forma imediata, o ser humano também não se constrói de um dia para o outro. Virtudes não são dons espontâneos, mas sim conquistas cultivadas ao longo do tempo, com vontade e disciplina.

Constância, fé, honra, responsabilidade, temperança e generosidade são sementes que exigem cuidado contínuo. É preciso regar com regularidade, podar excessos, proteger contra influências nocivas e, sobretudo, respeitar o tempo de maturação. Não há fruto verdadeiro que nasça da pressa.

Pomona nos ensina que nem toda flor se tornará fruto, que nem todo fruto estará pronto no momento em que desejamos e que nenhuma colheita será abundante se o cultivo for negligenciado.

Dentro do piaganismo, essa compreensão dialoga diretamente com a formação do indivíduo como eixo de transformação coletiva. O praticante não busca apenas se conectar com os deuses, mas tornar-se digno dessa conexão por meio de sua conduta. Cultivar virtudes, nesse sentido, é um ato profundamente devocional.

A responsabilidade sobre aquilo que produzimos

Quem trabalha com a terra sabe que um pomar negligenciado continua produzindo, mas seus frutos não são gerados com qualidade; eles podem nascer deformados, fracos ou até impróprios para o consumo.

“Uma comunidade é como um pomar sagrado, que requer o cultivo com responsabilidades e propósitos compartilhados.”

O mesmo ocorre com o ser humano. A ausência de autoconstrução não nos torna neutros, mas nocivos. A inveja, a intriga, o ego inflado e a irresponsabilidade funcionam como pragas invisíveis que comprometem não apenas o indivíduo, mas todo o ambiente ao seu redor. Pomona nos lembra que não basta produzir: é preciso produzir bem.

Na vivência do Círculo Piaga, isso se traduz em postura e coerência. Entendemos que a espiritualidade não pode ser apenas discursiva ou estética; ela precisa gerar frutos concretos, a exemplo de relações mais justas, comunidades mais organizadas, ambientes mais respeitosos e atitudes mais conscientes, como sinais de uma espiritualidade que amadureceu.

Uma comunidade pode ser compreendida como um grande pomar coletivo, onde cada indivíduo representa uma árvore, e cada ação, um fruto.

Quando há cuidado, disciplina e propósito, os frutos se somam. A abundância de um fortalece o todo. Uma comunidade assim se torna fértil, viva e capaz de se sustentar e crescer. Por outro lado, quando há negligência, os frutos deteriorados começam a contaminar o ambiente. Surgem conflitos, desconfianças e fragilidades que comprometem a estrutura coletiva. O piaganismo, enquanto proposta de um caminho enraizado na realidade brasileira e na vivência comunitária, nos chama à responsabilidade, onde além de estar presente e acreditar, é preciso contribuir com a frutificação.

O chamado à maturidade espiritual

Pomona é uma deusa contrária à pressa, pois Ela nos ensina sobre a virtude da paciência para compreender o tempo correto que permite o amadurecimento legítimo. Ela nos ensina que maturidade espiritual não significa acúmulo de experiências ou discursos elaborados, mas a capacidade de gerar bons frutos a partir daquilo que se vive.

No caminho piaga, isso se expressa na coerência entre fala e ação, no crescimento gradual e sólido, no compromisso com a própria evolução e na consciência do impacto que se causa no coletivo. Uma espiritualidade imatura busca somente *status*, enquanto uma espiritualidade madura foca em produzir resultados.

Honrar Pomona vai além de celebrar a fertilidade da terra de forma materialista e sem sentidos mais profundos. A conexão com Pomona nos leva a assumir o compromisso com a fertilidade do próprio ser.

Cada pensamento, palavra e atitude são sementes lançadas no solo da vida. E, inevitavelmente, elas produzirão algo. Neste processo, nos cabe fazer uma pergunta essencial: que tipo de fruto estamos oferecendo ao mundo?

Se desejamos uma comunidade forte, íntegra e próspera, é necessário começar pelo próprio cultivo. Pois, assim como em um pomar bem cuidado, quando cada árvore cumpre o seu papel, todo o ambiente floresce.

Ave Pomona! Aweté!

Mastro de Maio

Eixo de vida, união e renovação

Entre as mais belas e simbólicas expressões das festividades sazonais europeias, temos o Mastro de Maio, tradicionalmente associado ao festival de Beltane. Ele é erguido como um dos mais claros símbolos da fertilidade, da vitalidade e da união entre forças complementares. Sua presença atravessa séculos, conectando comunidades à natureza, aos ciclos da terra e às energias criadoras que sustentam a vida. Historicamente, o Mastro de Maio remonta às celebrações agrárias da Europa pré-cristã, sendo posteriormente incorporado a festividades populares em diversos países. Durante Beltane, celebrado no início de maio, marca-se o auge da primavera no hemisfério norte, momento em que a terra se mostra fértil, pronta para frutificar, e os rebanhos são conduzidos aos pastos. Nesse contexto, o mastro é erguido como um eixo central das celebrações, reunindo a comunidade em torno de um rito coletivo de dança, música e alegria.

No campo simbólico, o mastro representa o princípio masculino, o falo ereto que aponta para o céu, canalizando a força vital e fecundante. Em torno dele, são amarradas fitas coloridas que, ao serem entrelaçadas pelos participantes durante a dança, evocam a dinâmica da fertilização.

O movimento descendente das fitas pode ser interpretado como a manifestação da energia criadora, numa analogia simbólica com a ejaculação, mas também com a distribuição da vida, da força e da abundância sobre a terra. Cada fita conduzida por um dançarino representa uma linha de conexão entre indivíduos, famílias, entre o humano e o divino.

No topo do mastro, muitas tradições colocam uma guirlanda de flores, símbolo do princípio feminino, representando o receptáculo da vida, a matriz que acolhe e transforma. A união entre o mastro (masculino) e a guirlanda (feminino) constitui uma imagem poderosa da complementaridade dos opostos como princípios que se harmonizam para gerar equilíbrio, fertilidade e continuidade.

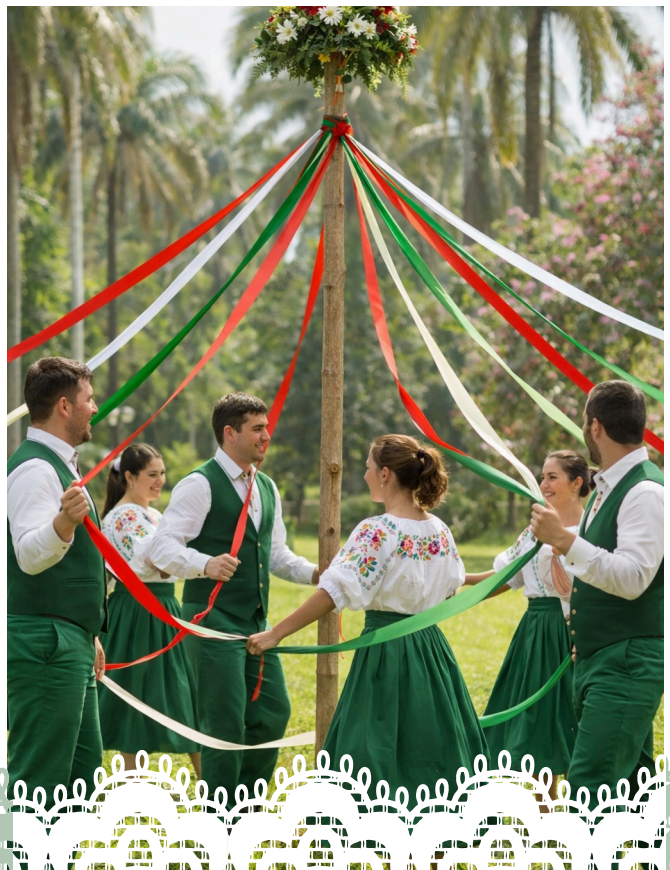
A dança ao redor do mastro é, portanto, mais do que um simples ato festivo, trata-se de uma coreografia simbólica da própria vida. À medida que os participantes se movimentam em sentidos opostos, entrelaçando as fitas, criam um padrão coletivo, uma teia viva que representa a ordem surgindo do movimento, a comunidade se organizando em torno de um centro comum. É um rito que reforça pertencimento, cooperação e consciência de interdependência.

No contexto do paganismo brasileiro, especialmente no âmbito do piaganismo, o Mastro da Fertilidade também se faz presente em liturgias e na própria simbologia cultural. Embora suas origens estejam ligadas às tradições europeias, seu simbolismo é universal e pode ser reinterpretado à luz da nossa própria realidade cultural. Em celebrações como a Festa da Fertilidade, realizadas na Vila Pagã e em outros núcleos da comunidade, o mastro pode ser erguido como um eixo sagrado que conecta céu e terra, espírito e matéria, tradição e renovação. No cenário brasileiro, o mastro dialoga com práticas já existentes em nosso folclore, como os mastros festivos das festas juninas e de santos populares, onde também se erguem troncos ornamentados como sinal de devoção, celebração e união comunitária. Essa convergência reforça a ideia de que o sagrado não está preso a uma geografia específica, mas se manifesta em arquétipos que atravessam culturas.

Adaptado ao contexto piaga, o Mastro da Fertilidade pode assumir elementos próprios: fitas nas cores simbólicas do movimento, cânticos dedicados às divindades da terra e da abundância, e danças que expressem não apenas a fertilidade biológica, mas também a fertilidade espiritual; bem como a capacidade de gerar virtudes, ideias, projetos e transformações. Cada participante, ao segurar sua fita, torna-se responsável por contribuir com a harmonia do todo.

Assim, o Mastro da Fertilidade deixa de ser apenas um elemento ritual e passa a ser uma metáfora viva da comunidade. Tal como em um pomar, onde cada árvore saudável contribui para uma colheita abundante, cada indivíduo que cultiva sua espiritualidade, suas virtudes e seu compromisso com o coletivo fortalece o tecido social. O entrelaçar das fitas nos lembra que nossas ações não são isoladas: elas se cruzam, se influenciam e constroem o padrão maior da vida em comunidade.

Erguer o mastro, dançar ao seu redor e contemplar sua forma final é, portanto, um ato de consciência; é reconhecer que a fertilidade não se limita ao campo físico, mas se estende ao campo moral, espiritual e cultural. E que, quando alinhados em propósito, podemos, enquanto comunidade, gerar frutos que ultrapassam gerações.



Deuses Brasileiros da Fertilidade

No paganismo brasileiro, a fertilidade é compreendida como uma força sagrada que ultrapassa o campo físico, manifestando-se também nas emoções, nas relações e nos caminhos da vida. A Festa da Fertilidade, festejada em maio, celebra esse princípio, honrando divindades que regem a frutificação da terra e do espírito. Entre elas, destacamos aqui três divindades brasileiras ligadas à fertilidade e frutificação: Caupé, Ceuci e Katu.

Caupé (Vênus Piaga) representa o amor, a beleza e a força geradora. Está ligada à fertilidade feminina, à maternidade e à abundância que nasce da união. Sua energia favorece tudo aquilo que se deseja fazer florescer com harmonia. Para se conectar com Caupé, recomenda-se cânticos suaves e oferendas de água, flores e frutos doces (ou frutos aquosos como a melancia), simbolizando o prazer e a doçura da vida.

Ceuci é a guardiã da fartura, das frutas e das lavouras. Também associada à maternidade, representa a nutrição e o sustento. Sua presença fortalece a prosperidade no lar e na comunidade. Pode ser honrada com cânticos em grupo e oferendas de frutas frescas e alimentos naturais, dispostos preferencialmente ao ar livre. Ela é mãe de Jurupari e também é associada à maternidade e proteção familiar.

Katu rege a maturação e a colheita. É o deus que conduz os ciclos até sua plenitude, garantindo que o que foi plantado alcance seu tempo certo. Representa a fertilidade da terra e também assume a forma de uma iguana, símbolo de sabedoria e equilíbrio com a natureza. Sua conexão se dá por meio de cânticos rítmicos e oferendas de grãos, espigas, água da chuva e frutos, reconhecendo o valor do tempo e do cultivo. Na Festa da Fertilidade, essas três forças se complementam: Caupé inspira a criação, Ceuci sustenta o crescimento e Katu conduz à realização. Honrá-las é alinhar-se aos ciclos naturais e refletir sobre aquilo que desejamos cultivar em nossas vidas. Ao entoar cânticos, oferecer flores e frutos, e participar de celebrações comunitárias, o praticante não apenas honra os deuses, mas se alinha aos ciclos da natureza e da própria existência. A fertilidade, nesse sentido, deixa de ser apenas um evento sazonal e passa a ser uma prática contínua de cultivo da terra, da alma e do destino.

CAUPÉ
CÉUCI
KATU